

PAULINE MULLER PACHECO; JOSIANE WESDIG;
RENATA MENASCHE

Este trabalho objetiva discutir as percepções de agricultores familiares a respeito de mudanças ocorridas em seus hábitos alimentares, particularmente as referentes à substituição de gorduras animais (produção local, caseira) por gorduras vegetais (processadas industrialmente). Os dados foram coletados a partir de observação participante e da aplicação de um formulário junto a 48 famílias rurais da região do Vale do Taquari, RS. No Brasil, nas últimas décadas, padrões de produção e consumo de alimentos têm passado por intensas mudanças, correspondentes ao desenvolvimento da indústria agroalimentar. O caso de óleos e gorduras vegetais pode ser considerado emblemático, sendo que, na região estudada, a substituição no tipo de gordura reveste-se de especial importância, dado que ali a produção de suínos para banha foi o principal produto agropecuário no período anterior à modernização da agricultura – quando ocorreu a expansão do cultivo de soja e a adoção de novas raças suínas, tipo carne. No que concerne ao consumo, sabemos que a substituição da banha por óleos vegetais deu-se sob a difusão de normas dietéticas de cunho médico-científico, particularmente as referentes às doenças crônicas não transmissíveis. Descrevendo os modos de fazer culinários, as famílias rurais dão a perceber as mudanças vividas a partir da utilização de produtos industrializados, entre eles os óleos vegetais. Mas evidenciam, também, continuidades em suas práticas de produção e consumo de alimentos. Observamos que se, por um lado, a banha é refutada a partir da legitimidade do discurso medicalizado, temos que a comida preparada com banha, como nas receitas tradicionais, é aquela considerada não apenas forte – e, assim, adequada àqueles que trabalham no campo – mas também saborosa. É a comida boa, aquela que materializa no prato a identidade desses colonos... permanentemente condenada por normas dietéticas que, ainda, se afirmam sem levar em conta que também a cultura alimenta.

EFETIVIDADE DO CONTATO TELEFÔNICO COMO FORMA DE MELHORAR A ADESÃO AO TRATAMENTO DE REDUÇÃO DE PESO

GABRIELA KUHN PENTER; BETINA ETRICH, GABRIELA HERRMANN CIBEIRA, MARIA RITA CUERVO, BERNARDETE WEBER

Introdução: A prevalência de obesidade vem aumentando progressivamente. O manejo da doença é efetivo através da mudança no comportamento e do seguimento da prescrição dietética. A adesão à dieta hipocalórica e a motivação do paciente são fundamentais para o sucesso do tratamento. **Objetivo:** Verificar a eficácia do contato telefônico como forma de melhorar a adesão de mulheres que não compareceram à consulta mensal de nutrição. **Materiais e Métodos:** Trata-se de

um estudo transversal não controlado. A análise de dados foi baseada nas 211 consultas disponibilizadas às mulheres que se encontravam em tratamento nutricional ambulatorial mensal. As participantes do presente estudo compunham uma coorte em andamento, cujo objetivo é identificar os fatores de risco para câncer de mama. Todas as participantes incluídas neste estudo encontravam-se em acompanhamento nutricional e não haviam comparecido à consulta mensal marcada para o mês de abril. O contato para a remarcação foi realizado através de 3 ligações telefônicas durante as quais foi reforçada a importância do comparecimento à consulta para uma maior perda de peso. Foram oferecidos diferentes horários para a remarcação, conforme a disponibilidade da paciente. **Resultados:** Das 211 mulheres que agendaram a consulta de nutrição, 52 não compareceram. Dessas, 38 remarcaram o atendimento após o telefonema e 28 compareceram de fato ao ambulatório na nova data marcada. Observou-se que o contato telefônico resgatou 58,13% das participantes que não haviam comparecido à consulta mensal. **Conclusão:** O contato telefônico mostrou-se eficaz como incentivo das pacientes faltosas a retomar o tratamento. No entanto, são necessários novos estudos com populações maiores para instituir-se este procedimento nos programas de manejo de obesidade.

IMPACTO DO TRATAMENTO NO ESTADO NUTRICIONAL DE PACIENTES COM DOENÇA DE GAUCHER TIPO I E INÍCIO DE TRE ANTES DA IDADE ADULTA

DIVAIR DONEDA; CRISTINA NETTO, FABIANE L. OLIVEIRA, MAYNA DE ÁVILA, TACIANE ALEGRA, CILEIDE C. MOULIN, IDA V. SCHWARTZ

INTRODUÇÃO: A doença de Gaucher (DG) está associada a anormalidades metabólicas como o aumento do gasto de energia basal. O tratamento com terapia de reposição enzimática (TRE) leva à diminuição do gasto energético despendido, podendo alterar o estado nutricional dos pacientes. **OBJETIVOS:** Avaliar o estado nutricional de pacientes com DG tipo I do RS que iniciaram TRE antes da idade adulta. **MATERIAIS E MÉTODOS:** Os pacientes que preencheram os critérios de inclusão (n=13/22) foram avaliados retrospectivamente em relação ao peso, altura e IMC apresentados antes do início da TRE e no momento atual. **RESULTADOS E CONCLUSÕES:** A média de idade atual da amostra foi 17 anos e, ao início da TRE, 9 anos. O tempo médio de TRE foi 8 anos (média de dose inicial de imiglicerase: 46UI/Kg/inf; média de dose atual de imiglicerase: 26UI/Kg/inf). Os dados de altura e peso ao início da TRE estavam disponíveis para 9/13 pacientes: 3/9 apresentaram escore-Z

ESTADO NUTRICIONAL DE PACIENTES COM DOENÇA DE GAUCHER EM TRATAMENTO DE REPOSIÇÃO ENZIMÁTICA DO CENTRO DE REFERÊNCIA DO RS